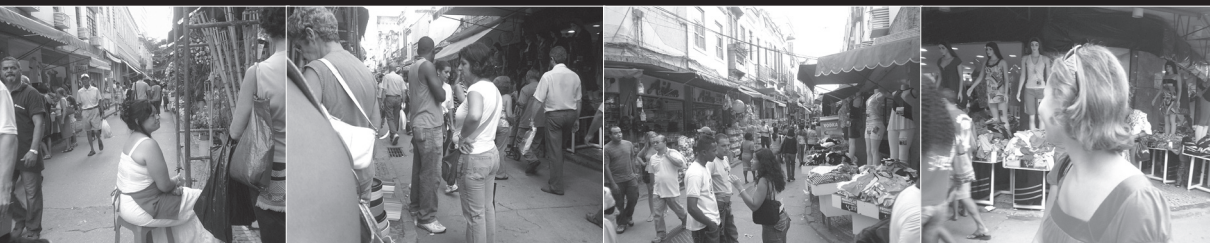


estilo

[GILDA CHATAIGNIER]

Graduada em Jornalismo pela UFRJ e Mestre em Artes e Design pela PUC-RJ. Professora e autora de vários livros, dentre os quais se destacam *Todos os caminhos da moda* (Rio de Janeiro: Rocco, 1997) e *Fio a Fio – tecidos, moda e linguagem* (São Paulo: Editora Estação das Letras, 2007).

E-mail: gilda.chataignier@gmail.com



Fotos: Pammela Dias Cardoso

Atravessando o Saara

[29]

Minha mãe sempre contava, com certa bravata e alegria, que minhas primeiras palavras, com menos de 1 ano de idade, foram *Alá, lá ô, ô, ô, ô*. O refrão animado da marchinha dos anos 40 – que até hoje empolga também os blocos moderninhos e as passistas enfeitadas com cola e tapa-sexo – toca nos meus ouvidos e coração. Principalmente quando desço do metrô em direção ao Saara, como se fosse um intróito quase religioso. É uma necessidade incontrolável a de ir para aquelas bandas, uma catarse, alguma coisa meio sagrada que me faz esquecer o dia-a-dia nos trajetos cariocas que o destino me obriga a percorrer.

Engraçado que ir para o Saara – que de deserto não tem nada –, para mim, não existe a menor ligação com carnaval, Natal ou Ano-Novo. As festas tradicionais e datadas que gritam e estremezem as ruelas que fazem o entorno da região são repetidas quase todos os dias. É o clima quente, oriental, sensual mesmo. Viajar por lá tem passaporte garantido, mesmo que seja em um dia cinzento, mais com cara de Dublin do que as areias de Alá. Também ocorre que o dia que escolhi para a peregrinação – antes das chuvas do último verão – foi de um sol ardente voltado para Meca. Mas em qualquer circunstância desses passeios fortuitos, a minha música temática soa nos ouvidos. *Alá, lá ô, ô, ô, ô*. Uma alegria íntima, um hino à vida e à liberdade, como se baixasse em mim os gargarejos da eterna e maravilhosa Piaf.

Num lugar onde quase todas as mulheres usam bermudas, *tops de lycra*, ignoram *pneus* e barrigas e usam sandalhinhas rasteiras no verão e no inverno, não existe o preconceito estético, aquela coisa classe média empoeirada. Também elas não olham para as forasteiras, agora um batalhão diário, que esbarram nas sacolas das gostosonas. Não há como caprichar no visual para entrar neste país das maravilhas. Espaço para as *críticas de plantão* que costumamos esbarrar na Zona Sul, felizmente não existe por lá. Quem vai reparar no nosso traje à vontade? Ninguém dirá, com olho enviesado, "*quem é aquela ali, de vestido de brechó?*"... Mas, por outro lado, pode-se deparar surpreendentemente com pessoas da *high society*, e até legítimas *socialites* com *pedigree* de alta-costura, todas vestidas sem preocupação com espelho Et mar-



cas. Acho que nem pensam naquela frase torturante: "com que grife eu vou?".

Pois bem, apesar de conhecer de ponta a ponta aquele pedaço de bairro do centro da cidade – um dos mais antigos do Rio, habitado por uma babel étnica desde o Século XVIII – fico sempre meio tonta entre as ruas que se cruzam, as travessas que se amontoam, as lojas que abrem e as que fecham, como se tudo isso fosse um cenário caótico e provisório. Perfumes de *patchuli*, incenso, orégano, pimenta dedo-de-moça, palha, madeira, plástico, tecidos de algodão, chitas encantadoras, crepes franceses e chineses, contas e miçangas, artefatos para bijuterias, chumaço de espuma, paetês, lantejoulas, purpurinas dão o clima à região, que se tornou uma espécie de paraíso do brilho, da fantasia, do possível e do inimaginável.

As duas últimas vezes que atravessei o "deserto do Saara", o sol estava quente e queimou a minha cara, fazendo jus à música carnavalesca. Nem pensei em protetor solar, e o repelente contra o nefasto *Aedes aegypti* ainda não freqüentava as bolsas com ares de brinde das "fashion weeks". O calor tomou conta da cabeça e entrei em meus caprichos ditados pela imaginação delirante. Olhei para as lojas, camelôs, passagens em pequenas galerias (que saudades daquelas de Paris, em especial a Jouffroy com seu museu de cera, o instigante Grévin e os mais belos tarôs do mundo, especialmente o estrelado, de Bellini), chalés assombrados ou restaurados e descobri coisas que jamais tinha percebido com exatidão. Desta feita, não era uma visita rápida à loja X para comprar uma certa passamanaria preta e branca, igualzinha àquela da Mademoiselle, tampouco para escolher *champignons* de matizes variadas para um almoço especial. O que fazia eu então? Simplesmente farejava tudo, olhava com detalhes desde a loja chique – acho que a única da região, com bolsas deslumbrantes, bijuterias estilo Shopping Leblon ou Fashion Mall – ao sobrado com túnicas indianas tomando sol nas janelas com mais de cem anos, até as lojinhas que parecem oficinas metalúrgicas onde se aprendem os mistérios de fechos para colares, de pinos para brincos, de miçangas para pulseiras e de pedras quase preciosas, pelo menos no brilho que delas espocam como um raio. Não posso acreditar que nunca observara uma galeria que fica no finalzinho da Rua da Alfândega – a mais poderosa de todas, paralela à Senhor dos Passos e à Buenos Aires – lá para as bandas da praça da República, que quase todo mundo chama de Campo de Santana. Nesse lugar as mercadorias estão prontas e ninguém vende peças para montagens. O movimento parece o de um *shopping* aos sábados. E os preços? Inacreditáveis e bem mais em conta do que aqueles que se encontram nas pontas mais urbanas, digamos assim, do Saara. Imagina-se que mulheres e homens resolveram criar e produzir bijuterias e, claro, vendê-las! Salários curtos, que desmentem as ficções exibidas na tevê e nos jornais, transformam boa parte da população da cidade em artesãos de *bijoux*. O volume de pessoas que se dedicam a esta pequena arte de enfiar bolinhas, prender argolas, arrebitar arames tão finos como cabelos de anjo e outras coisas é simplesmente enorme. Os resultados dos

trabalhos desses novos profissionais ficam explícitos em todos os bairros da cidade. Nunca se viu, fora do carnaval, tanta mulher enrolada em colares. E nem tanta bolsa de tecido enfeitada com flores de feltro, paetês, cristais com requintes austríacos, cordas, canutilhos, muranos com jeito veneziano e muito mais! E até chapéus de praia – de pano ou palha – ornados com crinol e distintas camélias brancas. Acredito que muitas famílias estejam atualmente comendo e quitando dívidas com o brilho dessa indústria que vende *glamour* a perder de vista e sedução a longo prazo!

Voltei por outra rua paralela e vi outras maravilhas. Uma delas, a mais interessante, era a de uma loja de roupas femininas, importadas ou não, mas que possuíam uma grade generosa de tamanhos. Ou seja, da menina aspirante de modelo à senhora roliça, da universitária que estuda moda à mulher que ama peças não globalizadas. E não era coisa de jogar fora, não! Fiquei com vontade de levar algumas peças, mas meus objetivos, que eram de zanzar por lá, tinham tomado outro rumo: o de analisar sem compromisso editorial ou acadêmico o comércio popular carioca que consegue levar multidões aos seus domínios.

Da minha pesquisa informal e não programada fiquei com ganhos inesperados e informações preciosas. Levando em conta que nunca fui preconceituosa em nenhum sentido, nem mesmo em relação à moda e afins, acredito que a viagem valeu. Cruzando as ruas, morrendo de sede e olhando para o relógio – afinal de contas foram quatro horas para lá e para cá, com direito a um cafezinho e uma água mineral – imaginei modelitos de vestidos lindos para minha geração que só encontra moda decente e cabível em poucos lugares. Também *criei* jóias maravilhosas que percebi nas peças requintadas dos lojistas de hoje e com *DNA* dos ancestrais: judeus, turcos, armênios, árabes, japoneses, chineses, coreanos e outros. Para as crianças, a farra foi grande! Por que máscaras só seriam aceitas no carnaval? Qual o problema de brincar com objetos de madeira? E que bela loucura a de vestir uma menina com uma túnica bordada? Sem falar nos modelitos para meninos inspirados em heróis de todos os tempos. E para as meninas também! Cansadas de *Barbies*? Lá, elas podem ser Branca de Neve e morder uma maçã, tão distante do refrigerante que está na boca de todas elas.

Bem, minha cabeça, mesmo com todo o calor do Saara, ficou arejada. No finalzinho da rua que leva ao metrô, deparei-me com as fantasias *sexies*: nada estilo BB, mas versões cariocas para danças do ventre, bem mais perturbadoras que *créus Et leus*, belos panos respingados de dourado para que nos enrolemos e desenrolemos para nossos parceiros. Máscaras, maquiagens inusitadas complementam o acervo fetichizado, que, certamente, abriria os olhos até de Valerie Steel, a sacerdotisa de moda, sexo e poder *forever*.

Juro que fiquei cansada, não de andar e de olhar, mas sim de pensar em tantas coisas aparentemente banais, que conseguem passar a ilusão de algo fascinante. Um mundo distante das vitrinas e das lojas *cleans*, claras, limpas e totalmente globalizadas dos *shoppings* cinco-estrelas. Tudo isso provocando milhões de idéias, brotando conceitos para lá de rebeldes. Como se estivesse sacudindo a poeira do cotidiano repetitivo, comportado e sem lugar para fantasias.

A renovação que me permito de vez em quando faz um bem incrível. E gosto de aspergi-la com a água benta dos perfumes florais que pontuam o Saara. Essa e outras coisas, como uma saia ma-ra-vi-lho-sa com babados de filó negro e discretos contornos com paetês no mesmo tom, bem ao estilo de grifes famosas, aumentam a sensação de que valeu a pena bater perna e relaxar.

No meu íntimo, tenho a impressão que o som pesado do dia-a-dia urbano pediu emprestado a música do *Alá, lá ô, ô, ô, ô!* Para brindar os ouvidos da memória, cansada de *bate-estacas* e de ritmos com disritmias.

PS. no dia seguinte ao que escrevi este texto aconteceu uma tragédia. Praticamente um quarteirão inteiro do Saara pegou fogo, felizmente sem vítimas fatais. Um incêndio de grandes proporções destruiu uma loja temática de festas para crianças, outras de lingerie e roupas de banho, além de recantos com bijuterias e até um restaurante. Quem foi o culpado? Certamente não foram os seus habitantes trabalhadores nem os líderes político-religiosos do outro lado do mundo. O poder público ganha o troféu de leviandade, descaso e incompetência. Em qualquer lugar do planeta, mesmo nos menos sofisticados, existe um cuidado especial com as respectivas memórias locais. Aqui, esses bens culturais não são tratados nem mesmo respeitados. E não é em qualquer lugar que se encontram paredes e telhados dos séculos XVIII e XIX. Que o diga Alá!